

OS ESTUDOS SOBRE AS MULHERES EM FILOSOFIA

Teresa Joaquim
CEMRI, Univ. Aberta

Preâmbulo

Não tenho o gosto pelos inventários, tenho o gosto pelos dicionários, pela deriva das palavras, pela descoberta de uma palavra como se ela surgisse de novo, com outra intensidade buscando novos sentidos.

Tentar escrever, fazer o balanço, tomar o pulso – a sua intensidade – é sempre uma posição difícil, na qual se corre o risco de omissões, de esquecimentos de diversas ordens: por ignorância, por escolha deliberada e/ou ocultamento (as referências que se fazem de tal ou tal autor/a), a subjectividade implícita nessa escolha que tem a ver necessariamente com o meu ponto de vista de leitora, de leitora; com a melhor compreensão, do ponto de vista teórico, de que é dito, formulado, transformado.

Um balanço é, neste caso, assumir responsabilidade face à leitura que se propõe e ao percurso no qual nos inscrevemos, do qual fazem parte os textos dos outros – através de citações – como se desse modo se dissesse a polifonia da vozes no texto que se escreve. Como afirma Derrida: “Não há uma interpretação historicamente neutra dos Estudos sobre as Mulheres.

Introdução – breve percurso dos Estudos sobre as Mulheres em Portugal (1978 – 2001)

À partida, reflectir e percorrer o impacto dos Estudos sobre as Mulheres na produção científica nacional, leva-nos a ter em conta dois aspectos, a saber: o contexto e a evolução das Ciências Sociais em Portugal, por um lado e a possível articulação com o movimento feminista, por outro.

Seria necessário reflectir sobre a história da investigação científica social em Portugal, as suas omissões e aberturas aos ‘novos’ objectos como juventude, quotidiano, corpo, família, e também as ‘mulheres’¹. O outro aspecto é saber se houve (ou

¹ Tendo em conta que a maneira de enunciar estes ‘objectos’ de estudo é pura e simplesmente feita sob forma de uma ‘etiqueta’ que recobre uma multiplicidade de abordagens disciplinares e de perspectivas teóricas. O próprio objecto de estudo ‘mulheres’ pede que dele seja feito hoje, entre nós, o percurso histórico da sua investigação, e a sua escolha prende-se certamente com um modo menos conotado ideologicamente e desligado das teorias e das perspectivas feministas. Diz Buttafuoco sobre a

se há) alguma articulação entre o movimento feminista e o aparecimento de cursos, seminários, mestrados, etc. a nível das instituições universitárias; debate que se coloca, por exemplo, no Brasil (cf Heilborn e Sorj, 1999 e Corrêa, 2001 – conferência proferida em 9 Dez. 2000, na Universidade Aberta). Esta questão deveria ainda ser articulada com a afirmação de posições diferentes sobre a existência ou não de um movimento feminista no pós 25 de Abril de 1974 (cf. Magalhães, 1998, Tavares, 2000, Amâncio, 1998², Ferreira, 1999, Joaquim, 1999b) e a sua possível incidência nos Estudos sobre as Mulheres.

Quando em 1987 fiz o levantamento sobre “a investigação e ensino feministas e/ou sobre as mulheres”, financiada pela Comissão Europeia e coordenada pelos *Cahiers du Grif* no âmbito do projecto europeu GRACE, sobre Estudos sobre as Mulheres que consistiu na elaboração de uma base de dados, um guia para os estudantes e a edição de publicações temáticas e ainda na realização de seminários europeus (cf *Cahiers du Grif* nº 45, Outono 1990, sobre *Savoir et Différence des sexes*), a maioria das respostas das investigadoras ao questionário enviado referiu que trabalhavam na área dos estudos sobre as mulheres e não em estudos feministas ou femininos.

No relatório que na altura elaborei, reconhecia que “houve uma grande aceitação do questionário, tanto da parte das instituições como das investigadoras/es, mesmo se é curioso observar que nem todas/os as/os investigadoras/es que trabalham nesta área responderam: uma hipótese é talvez que estas/es investigadoras/es não queiram que a sua imagem nos meios universitários fique ligado ao mundo dos “estudos sobre as mulheres”, o que é facilmente compreensível, sabendo-se da fraca implantação universitária destes estudos, da sua falta de credibilidade a nível da comunidade científica portuguesa.”

Mesmo se já em 1983 tinha sido organizado pela Comissão da Condição Feminina (actual CIDM) o primeiro seminário sobre esta área de estudos, tendo depois, em 1985, dois seminários constituído um marco institucional importante nesta área, organizados respectivamente pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e pelo Instituto de História Económica e Social da Universidade de Coimbra. Deve ser dito que o peso destas instituições atraíram alguns/as investigadores/as que tiveram aí uma intervenção esporádica. Já em finais de 1986 referia Ana N. Almeida, no artigo “As mulheres e as Ciências Sociais – o objecto de investigação” em que fazia o balanço dos artigos publicados por mulheres na revista *Análise Social* e constatava que os temas por elas estudados não divergiam dos dos homens: “[...] a curto e a médio prazo não me parece que a situação mude de forma significativa: a abertura para novos domínios de investigação contemplou domínios diferentes dos

construção da memória-identidade: “[...] não foram as mulheres em geral que se colocaram [este] problema, mas as feministas, quer dizer, aquelas mulheres que desenvolveram uma análise dos mecanismos da opressão sexual, colocando a hipótese da sua superação através de práticas políticas específicas. Isto quer dizer, além disso, que as feministas tiveram e têm uma interpretação particular do destino social das mulheres na história” (1990: 49).

² Em particular a comunicação apresentada no seminário sobre “O Feminismo em Portugal”, organizado pela UMAR.

femininos; os projectos de doutoramento têm objectos diferentes desse” (Almeida, 1986, p. 128). Deste modo, enquanto algumas assumiam a escolha dum objecto de investigação ligado “às mulheres”, houve sempre quem trabalhasse nesta área sem assumir essa escolha no âmbito do seu percurso académico, nomeadamente a nível das teses de doutoramento, penso que pelas mesmas razões que invoquei anteriormente para a ausência de resposta ao levantamento do projecto GRACE ou para uma mera intervenção em seminários organizados por instituições de reconhecido mérito e prestígio científicos; podendo esta participação pontual não significar uma mudança de perspectiva teórica nas investigações realizadas e podendo pois coexistir com outras investigações sem haver contaminações entre elas do ponto de vista das questões epistemológicas que os Estudos sobre as Mulheres trouxeram.

Este paralelismo em termos de percursos teóricos e esta ausência de contaminação também é significativa das formas e dos tempos diversos de adesão aos Estudos sobre as Mulheres do ponto de vista científico. Além do mais, deve ser dito que estas formas e os tempos de adesão não são exclusivos desta área de estudos, sabendo-se que, num momento ou noutro, há sempre efeitos de moda de que não estão certamente ausentes efeitos de poder³. Não se pode esquecer no entanto o que Beauvoir, Le Dœuff ou Deleuze/Guattari⁴ dizem sobre o sofrimento na criação de pensamento e na criação de uma obra. Isso deve ser dito também nesta área de estudos, nomeadamente as que enfrentaram instituições académicas com a apresentação de teses de doutoramento nesta área de estudos.

Há sistematicamente a necessidade de trabalhar sobre a memória, nos dois sentidos nietzschianos: no sentido de provocar ligeireza, de não ficar preso ao passado, no qual é necessário esquecimento, mas também é necessário lembrar quando os ‘efeitos de poder’ e de moda que lhe podem estar ligados cultivam a amnésia, que Diane Lamoureux refere, por exemplo, nas lutas pelo direito de voto:

“A história do desenvolvimento dos direitos políticos no mundo ocidental está de modo usual/habitual marcado por dois fenómenos de amnésia colectiva partilhados por muita gente. A primeira é que a tradição democrática moderna, tanto quanto a sua contrapartida antiga (na Antiguidade) é marcada pela exclusão [...] A segunda amnésia diz respeito às lutas pelo sufrágio feminino” (1997: 47-48).

³ Estes efeitos de moda e de poder podem ser compreendidos com alguma ironia a partir das cinco categorias que, segundo Rosi Braidotti, enquadram a relação das investigadoras com os Estudos Feministas, a saber: “as pioneiras que lançam o movimento; as ideólogas que tentam adaptar o seu feminismo às exigências da profissão académica; as radicais que inscrevem o seu feminismo no quadro de uma experiência teórica de mudança global do estatuto das mulheres; as retardatárias que finalmente acabam por descobrir que apesar de tudo as mulheres são um domínio de estudo respeitável e interessante; e por fim as ‘penduras’ [branchées] que fazem estudos feministas porque está na moda. Inútil dizer que a maior parte de nós pertence a várias senão a todas as categorias. [...]” (1990: 44).

⁴ “Os livros de filosofia e as obras de arte contêm também a sua soma inimaginável de sofrimento que faz pressentir o advento de um povo” (1991: 105). Le Dœuff diz de V. Woolf: “As crises de loucura de V. Woolf testemunha da enorme tensão que ela consentiu viver para realizar a obra que é a dela. *Um quarto que seja seu e Três guinéus* explicitam talvez isso: ela tinha consciência de que nada destina uma mulher a ser escritora” (1989: 146).

Este número da EX-ÆQUO pode ser também um contributo importante para reflectir sobre esta questão. Diz Gerda Lerner:

“A história é algo mais do que uma memória colectiva: é memória formada e construída para ter um significado. Este processo através do qual os seres humanos conservam e interpretam o passado e logo o reinterpretam, à luz de novas questões, é ‘fazer história’. Não é um luxo intelectual supérfluo, fazer história é uma necessidade social” (in Buttafuoco, 1990: 48).

Deve ainda ser destacado o trabalho que desde a sua institucionalização em 1977, a CCF/CIDM) realizou, a saber:

- criação de um centro de documentação especializado
- seminários e conferências (1º seminário em 1983)
- apoio financeiro a estudos
- edição de publicações
- edição de bibliografias
- levantamento das dissertações realizadas e de artigos de revistas,

conjunto este de iniciativas que foram e são instrumentos necessários e fundamentais para a prossecução da investigação e para um conhecimento mais cabal da produção científica realizada.

O papel de dinamização de área dos Estudos sobre as Mulheres em Portugal levada a cabo pela CCF/CIDM nem sempre foi linear na sua relação com a Academia – até que ponto uma instituição de Administração Pública não académica tem legitimidade para poder dialogar com o saber e o poder inerentes ao mundo académico e científico? Do meu ponto de vista pessoal, desde sempre julguei central nessa instituição esse trabalho de apoio e de incitamento à sua implementação entre nós.

Nomeadamente num texto de reflexão interna à CCF (cf. T. Joaquim, CCF, Janeiro 87)⁵ em que utilizava o conceito de “pessoa deslocada” de T. Herbert⁶ “parece que o conceito de “pessoa deslocada” seja aqui fundamental para compreender o facto de que um sujeito possa de repente ver e compreender outra coisa do que aquilo que lhe é “dado” compreender e ver. Neste caso fica por saber como é que a lei estrutural de uma dada formação social produz sujeitos “deslocados” que ela não pode recuperar enquanto tais”. Conceito de “pessoa deslocada” que serviu para me interrogar “se a CCF não era pessoa deslocada” [...] e articulava essa interrogação com o estatuto das mulheres, a saber se nesta sociedade este não é ainda de pessoa dominada, assim como a CCF enquanto instituição. É por isso que penso que estão ligadas a fragilidade dos Estudos Femininos e da CCF, porque ambas querem interrogar e deslocar as questões que até aqui foram sempre postas do mesmo modo. É por isso que defendo que, dentro das possibilidades limitadas da CCF, [...] ela continue a

⁵ As referências acima feitas foram surgindo na busca de textos nos quais, em momentos diversos, apresentei a situação dos estudos sobre as mulheres em Portugal, as suas fragilidades, as suas alianças, a sua especificidade, os seus esquecimentos; textos, notas, em que está marcado o ponto de vista pessoal que referi no início deste texto; ponto de vista pessoal dependendo também do trabalho num organismo de Administração Pública e da minha formação académica (cf. bibliografia).

⁶ Citado in A. Sedas Nunes, *Questões preliminares de Ciências Sociais*, 5ª ed. 2001, Presença

promover, dinamizar e realizar estudos sobre a condição feminina”. Penso que hoje, apesar dos anos que passaram, se pode manter ainda esta questão: se o lugar dos Estudos sobre as Mulheres no âmbito da produção científica não será ainda o da “pessoa deslocada”, ou se se integrou sem provocar deslocações.

Na actualidade, em particular nos finais dos anos 90, parece haver um relacionamento diferente, entre investigadoras e mecanismos para a Igualdade / Ministérios, etc.; já que estes organismos podem oferecer outro tipo de condições, nomeadamente financeiras, para a realização de estudos no âmbito de projectos financiados pela Comunidade Europeia, estudos necessários à implementação de políticas na área da igualdade de oportunidades. É um movimento a seguir nas suas novas configurações assim como o tipo de estudos que têm sido elaborados neste contexto⁷.

Deve ainda ser mencionado o aparecimento não só da Associação APEM em 1991 e mais recentemente da APIHM, em 1997, mas também a existência de revistas científicas como a EX-ÆQUO e AS FACES DE EVA, Revista de Estudos sobre a Mulher, do Instituto Pluridisciplinar de História das Ideias da Univ. Nova de Lisboa.

Há que referir também a criação pela Universidade Aberta, em 1995, do 1º Mestrado de Estudos sobre as Mulheres em Portugal, em que lecciono desde o início e que actualmente coordeno. Pioneiro nos estudos nesta área, pois mesmo a nível internacional ainda são raros os mestrados nesta área, havendo sobretudo disciplinas ou seminários dispersos por currículos de licenciatura ou mestrado. Tem sido uma experiência extremamente interessante, tanto do ponto de vista humano como científico, cujas dissertações começam a vir a lume e outras estão em curso de publicação, ver-sando sobre as seguintes áreas nomeadamente:

- o feminismo no pós- 25 de Abril
- Maria Lamas enquanto jornalista
- a primeira revista feminista no século XIX
- violência contra as mulheres: de vítimas a sobreviventes
- feminino e novas tecnologias
- relacionadas com a arte
- com a psicanálise e o feminino
- mulheres e política
- a escrita feminina
- justiça: futuro domínio feminino?
- empreender no feminino
- o ensino técnico industrial feminino em finais do s. XIX, etc.

e muitas outras estão em curso. Este conjunto de trabalhos são já um contributo importante e empenhado para esta área de estudos.

⁷ Seria interessante analisar as flutuações que, em particular nos últimos 6 anos, têm sofrido a nível da representação no governo as questões da Igualdade: Alto Comissariado para as Questões da Igualdade e da Família, Ministra para a Igualdade, tutela do Ministro da Presidência, Secretária de Estado..., nunca sendo muito claros estes diferentes enquadramentos institucionais e, por conseguinte, a importância política que lhes é dada.

Refira-se ainda que a produção científica tem estreita ligação com o corpo social, os apoios financeiros e políticos, quer dizer que as questões epistemológicas estão intimamente ligadas a um contexto cultural e político e é importante a inserção dos conhecimentos em redes nacionais e internacionais⁸, tanto a nível individual como colectivo, tendo havido nos últimos anos uma maior internacionalização das políticas da ciência e da tecnologia.

Está ainda por fazer o balanço actualizado da produção científica nas diversas áreas disciplinares, excepto na de História (Vaquinhas, 2000). Tem surgido no entanto, nos Colóquios Luso-Áfrico-Brasileiros de Ciências Sociais uma sessão dedicada às questões do género, assim como nos Encontros das Associações Disciplinares, nomeadamente de Antropologia (1999) e Sociologia (2000), surgiram novas temáticas dedicadas à questão do género e família, género e trabalho, etc. Acrescenta-se o 3º Congresso Europeu dedicado à pesquisa feminista, realizado em Coimbra, em Julho de 1997, que foi subordinado ao tema “Shifting bonds, shifting bounds: Women, Mobility and Citizenship in Europe” (publicação das actas em dois volumes da *Revista Crítica de Ciências Sociais*).

Tendo havido um aumento enorme de comunicações em torno das questões “sobre o género” ou que incluem a categoria “género” como perspectiva analítica e apesar da efervescência e da apetência que se tem manifestado por esta área, deve no entanto ser aqui colocada a interrogação de Irene Ramalho e António Sousa Ribeiro sobre a reflexão epistemológica nas Ciências Sociais e Humanidades em Portugal:

“Não tem sido muito viva entre nós a reflexão sobre a situação epistemológica das Ciências Sociais e das Humanidades. [...] São, de facto, por norma bastante escassas no nosso contexto as tentativas relevantes de trazer à discussão - à discussão académica, mas do mesmo passo, à ponderação pública - o sentido, potencialidades e limites dos contextos paradigmáticos em cada momento vigentes. Daqui resulta um dos aspectos sem dúvida mais perturbadores da vida intelectual portuguesa: a forma como as transições de paradigma ou simplesmente a adopção deste ou daquele modelo teórico ou metodológico se vão fazendo de acordo com uma lógica indiscutida, frequentemente próxima da lógica da moda [...]” (1998: 80).

Esta interrogação é extremamente pertinente e diz respeito a toda a comunidade científica, ao modo rigoroso como produz saber ou como reflecte (ou não) sobre a adopção de novos conceitos ou de novos modelos teóricos e esta questão ainda se revela mais pertinente para áreas de saber que se estão a constituir como perspectivas que, paradoxalmente, se tornaram incontornáveis (e quase sem debate teórico entre nós) e em que começa a haver a passagem de um estatuto de enunciado (falado por

⁸ Sabendo-se que Portugal ainda tem uma posição periférica a nível da produção internacional dos conhecimentos, aparecendo como *excepção* nas estatísticas europeias devido à alta participação das mulheres nas áreas das Ciências e nas conferências internacionais europeias sobre o tema apresentámos, tal como outros países, em particular os do Sul da Europa: o “nosso” caso, desenvolvimento e lacunas respectivas.

outrem) ao estatuto de objecto dialogal, no qual tem que existir um vai-e-vem entre perspectivas teóricas.

No âmbito destas perspectivas que se tornam incontornáveis, observe-se quer a ‘hesitação’ da rede de conferências “Futuro do futuro: da matéria ao pensamento”, realizadas no âmbito do Porto 2001 - Capital Europeia da Cultura⁹, quer o modo como, ao organizar o Ciclo de Conferências “A Ciência tal qual se discute”, por iniciativa do Ministro da Ciência e Tecnologia¹⁰, o filósofo Fernando Gil, interrogado em entrevista recente ao *Público* (16/06/01) sobre a inclusão de uma sessão dedicada ao “género”, respondeu que os estudos sobre o género “atingiram um grau de ‘maturação’ tal que os tornou uma verdadeira questão, *pense-se o que se pensar*” (sub. meu).

No mesmo sentido, é interessante um artigo intitulado “Mulheres” (sic) de José Mattoso (que deu o seu contributo em mais de um colóquio organizado pela CIDM) na revista *História*, Abril 2000, sobre o livro de Irene Vaquinhas, *Senhoras e Mulheres na sociedade portuguesa do sec. XIX*. Referindo-se em particular ao texto “Estudos sobre as Mulheres na área da História”, diz J. Mattoso que “pouco têm contribuído para uma renovação profunda do discurso acerca do passado” (p. 11), “[...] mas não creio ter-se adiantado muito em termos de problemática e em função de uma nova compreensão da história”. Com todo o respeito que me merece a personalidade e a obra realizada por J. Mattoso, *Identificação de um país*, permito-me interrogar até que ponto é que a História de Portugal, recentemente publicada e que ele dirigiu, se empenhou para que esta perspectiva constituísse precisamente uma linha transversal dos textos que a constituem. Pede-se às historiadoras que estudem o que não era estudado ou era minimizado e que simultaneamente contribuam “para uma efectiva renovação da história” (p. 11). Penso que este trabalho, do ponto de vista científico, não deve nem pode ser da exclusiva responsabilidade das historiadoras, mas, enquanto perspectiva, não pode deixar de ser assumido pela comunidade científica (neste caso, dos/as historiadores/as) na sua totalidade, já que dela depende também o rigor científico dos trabalhos produzidos. É uma questão teórica, não uma questão de homens e mulheres. Na prática, de facto, têm sido “as mulheres” a assumirem essa tarefa, o que pode conter ou significar alguma marginalidade no interior da comunidade científica e, nessa marginalidade, só lhes ser pedido (talvez) esse trabalho de “respigadoras”, conforme o belo filme de Agnès Varda. Ou as “[...] mulheres pensam, falam, mulheres escrevem, publicam - e algumas dedicam-se hoje a reencontrar e a juntar textos e fragmentos que, com demasiada facilidade, os historiadores da filosofia deixaram cair no esquecimento. Mas os seus discursos não constituem referência para a constituição da esfera pública, ou da mudança efectiva do pensamento. [...] ainda se resiste a reconhecê-las

⁹ Com um programa extremamente interessante, com linhas de metro que constituem uma rede, a saber: linha da consciência, do corpo, da estética, da ética, do genoma, da matéria, da palavra, da sociedade, da técnica e do género: “Este metro divide-se em 10 linhas, das quais apenas uma - a do género - está ainda em construção” (*Público*, 23/2/2001, p. 38), e assim continuava em finais de Setembro de 2001.

¹⁰ No âmbito das quais haverá uma de Françoise Balibar sobre “O género da ciência” e outra de Alyson Wylie sobre “A ciência do género”.

como representantes da humanidade, reveladoras duma verdade que poderia dizer respeito a cada uma e a cada um" (Collin, 1997: 26-27).

No entanto, penso que estas iniciativas, realizadas ao mais alto nível e com ampla divulgação e apoio financeiro, colocam questões que vão além dos casos pontuais referidos, pois que nos fazem reflectir sobre a sociedade portuguesa e o modo como nela se vai incorporando a paisagem intelectual e científica contemporânea, sem que isso signifique que haja de facto por parte de filósofos e cientistas sociais reconhecimento explícito da importância dos Women's Studies a nível teórico para a renovação de problemáticas, reformulação de metodologias, etc.

Estas referências a acontecimentos culturais que considero importantes, sobretudo a nível público, pela qualidade científica de quem os profere, são sintomas que permitem talvez pensar as condições de produção de conhecimentos e em simultâneo o apagamento e a ausência de referências internas, como se do nada eles passassem a ter existência devido ao "seu grau de maturação". Não é assim uma questão marginal às condições de produção de conhecimento no contexto da sociedade portuguesa. E talvez que esta situação se prenda com a não existência da questão "Serei homem?", posta por José Gil, ausência particularmente sentida na sociedade portuguesa.

"Um facto impressiona na história do movimento feminista: é a falta de um movimento correspondente do lado dos homens. Enquanto as mulheres punham e põem em causa a sua condição de dominadas, exploradas, excluídas, desapossadas do seu ser feminino, ao ponto de se interrogarem 'o que é ser mulher?', os homens quase nunca responderam ao desafio, aplicando-se a si mesmo: 'o que é ser homem?' [...] Porque o masculino é neutro, e é fundamento, nós, homens (género), julgamo-nos insusceptíveis de mudança. Pode-se pois conceber sem contradição nem dialéctica, uma luta pela emancipação da mulher, quer dizer pela conquista da sua feminilidade roubada, sem que o ser do homem (a sua masculinidade) tenha que sofrer alterações (seja posta em causa). A mulher muda, o homem não, porque o homem é o padrão-fundador, sobretudo numa esfera (neutra) sem relação com a mulher" (1998: 6-7).

Ora, a inexistência desta questão, sob forma de um debate mais geral na sociedade portuguesa, é ainda mais significativa se enquadrada nas mudanças que esta sofreu desde 1974, a 'passagem' de uma sociedade de regime autoritário para um regime democrático, 'passagem' essa que José Gil explica de forma acutilante no texto "Euforia de terror":

"O duplo esmagamento de que hoje sofre o português decorre naturalmente deste processo: Portugal saiu do salazarismo com medo, saiu com medo de sair. [...] O reflexo ou normalização que se seguiu aos excessos 'revolucionários' instalou-se em nome do bom senso democrático. E o medo, sedimentado, invisível, permaneceu. Logo depois veio a entrada na Comunidade Europeia e a mundialização (cujo rosto primeiro foram os flagelos planetários - sida, violência criminal, droga, desemprego - antes dos benefícios que nos tornarão iguais aos outros), que trouxeram consigo um outro género de medo. [...] O duplo esmagamento está em curso: apaga-se o medo com o medo, todos os medos antigos que o 25 de Abril não exorcizou desapa-

recem quando neles se enxerta o medo de exclusão [...] É pois sempre mais conveniente continuarmos a não assumir responsabilidades, a não afrontar opiniões contrárias, a fugir aos problemas e a não pensar mais além das soluções que entram no quadro de todas as integrações. Sobretudo, recusar os conflitos” (1999: 39).

Talvez que esta recusa de conflitos como constitutivos de uma sociedade democrática possa produzir, do ponto de vista social e certamente do ponto de vista teórico que aqui nos ocupa, este ‘deslizar’, esta passagem sem discussão entre teorias. Ou entre, por exemplo, a ausência de movimento feminista que tivesse marcado fortemente a vida em sociedade e criado outras configurações - “essa aparição de sujeitos numa cena de comunidade” (J. Rancière) -, e o pós-feminismo, aquilo que I. Ramalho chama

“[...] a forma como as transições de paradigma ou simplesmente a adoção deste ou daquele modelo teórico ou metodológico se vão fazendo de acordo com uma lógica indiscutida [...]” (1999: 80).

Como se houvesse uma ausência de confrontos teóricos e do que estes podem representar e criar como experiências diversas, por exemplo, nunca foram claramente discutidas entre nós posições sobre igualdade e diferença...¹¹

“As mulheres são excluídas, não da palavra política, mas filosófica”

O pensamento foi conceptualizado como erguendo-se sobre um solo (imagem amplamente criticada pelas filósofas) ou, de outro modo, “donde se pensa quando se pensa?” (Collin, 1992: 5). Ora, esta conceptualização não pode deixar de obrigar a colocar à partida do ‘fazer’ / aprender filosofia: o que significa concepção? O que pode, eventualmente, obrigar as filósofas a pôr a questão levantada por Simone de Beauvoir:

“O que significa ser mulher e ser filósofa?”

Questão que até muito recentemente não existiu, não atravessou a cena filosófica em português. Mas foi justamente sobre Simone de Beauvoir que foi elaborada na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1961, a tese de Renata Del-Negro Feist intitulada *Acerca do primado da acção em Simone de Beauvoir*. Talvez que o contexto político anterior ao 25 de Abril não fosse propício a trabalhar sobre ou a partir de filósofas contemporâneas, a saber, além de Beauvoir, Simone Weil¹² e Hannah Arendt (ver Courtine-Denamy, 1997): esta última considerava-se politóloga e só nos últimos anos tem sido mais citada (mesmo no contexto europeu, o livro de André Enegren, *La pensée politique de H. Arendt*, data de 1984); nesse contexto político, as obras destas três filósofas afrontaram o problema da *polis*, do político, que era entre

¹¹ Nem travessias de pensamento como, por exemplo, o modo como em Itália, nomeadamente em Milão, há um conjunto de trabalhos sobre “il pensiero de la differenza sessuale”, marcado pelo trabalho de Irigaray, sendo o nome mais conhecido o de Luisa Muraro. É interessante também que foi no contexto italiano, em conferências aí proferidas, que Irigaray produziu/fez algumas propostas políticas e publicadas em *Ethique de la différence sexuelle*.

¹² Excepto os trabalho de Ana Luisa Janeira sobre esta filósofa.

nós uma questão interdita, ausente, desfocada. Acontecia aqui o que as feministas latino-americanas referem sobre a frase “o quotidiano é político”, que tinha de facto neste contexto um significado quase carceral, de um poder que invadia o quotidiano.

Há após o 25 de Abril a abordagem da questão do “feminismo” em obras literárias. Na área de filosofia, tem actualmente visibilidade a partir do projecto coordenado por Luisa Ribeiro Ferreira, que a seguir mencionaremos. Não significa isto no entanto que não haja no panorama filosófico português mulheres filósofas a produzirem obra em diversas áreas, nomeadamente nas áreas de Estética e de Ética.

Antes do início deste projecto, de modo não exaustivo, devem ser mencionados: o trabalho de Ana Luisa Janeira sobre Simone Weil (1967, 1971, 1980), um texto de Etelvina Lopes Nunes sobre “A condição feminina em Emmanuel Lévinas” (1984), um texto meu sobre a obra de Luce Irigaray (1986) e ainda alguns textos de Fernando Belo (1983, 1987). Se me é permitido, gostaria de referir a minha tentativa de articulação das questões filosóficas e da maternidade, esta como núcleo central da definição antropológica do corpo feminino na cultura ocidental, que se traduziu na abordagem da questão da criação de humanos e/ou de conceitos, na sua disjunção ou conjunção (em particular, Joaquim, 1997 e 1999).

O projecto de *Filosofia no Feminino*, coordenado por Luisa Ribeiro Ferreira, que decorre desde 1997 no Centro de Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa, partiu, segundo a sua coordenadora, das seguintes questões:

“porque será que não há mulheres filósofas?
porque é que as mulheres não fizeram (ou não fazem) filosofia?”
(Ferreira, L.R., 1998: 8).

Até à data, no âmbito do projecto, destaca-se a realização do colóquio “Filosofia no feminino”, na Faculdade de Letras de Lisboa (26-27 de Novembro de 1998)¹³ e a publicação das seguintes obras, com organização de L. R. Ferreira:

O que os filósofos pensam sobre as mulheres (1998)

Representações sobre o Feminino, Ex-Æquo, 1 (1999) (com F. Henriques)

Pensar no feminino (2001)

Correspondência entre Descartes e Elisabeth (2001) (com A. Cardoso)

Também há mulheres filósofas (2001)

Sublinhe-se a importância deste projecto no âmbito dos Women’s Studies e no panorama filosófico português. Sobre a questão da existência de filósofas ou “da (im)possibilidade de ser filósofa”, remeto para o texto com o mesmo nome (Joaquim, 2001), que retraça algumas das questões que nela estão envolvidas, a saber: qual a possibilidade de se ser filósofa? qual a possibilidade de uma filosofia no feminino e do feminino? Até que ponto é que, nessa releitura de algumas obras filosóficas, há um compromisso teórico com perspectivas analíticas e críticas no próprio modo de fazer filosofia? Porquê ainda, hoje, ter quer *pensar* esta questão no

¹³ Nas palavras de L. R. Ferreira: “tratou-se de um colóquio interdisciplinar. [...] As comunicações distribuíram-se por quatro grandes temáticas: a natureza feminina [...]; como os filósofos pensaram as mulheres [...]; o que as mulheres pensaram e [...] as representações do feminino na cultura ocidental” (Ferreira, Henriques, 1999: 15)

Há, para além desse trabalho de constituição de uma área com o que tal significa - seminários, textos, traduções, revistas, discussões, cursos académicos - há que sair para o exterior desse campo, de modo a que possa surgir inovação dos temas e das abordagens, novos estilos de escrita, articulação com outros pontos de partida, etc., aquilo que F. Collin diz de maneira clara e brilhante:

“Mas ao mesmo tempo que elas [as investigadoras feministas] nos lembram a ortodoxia de uma certa doxa, nós podemos e devemos ser heterodoxas e heréticas, erráticas, deixando-nos deslizar sobre o rasto do pensamento, reabrindo no género o heterogéneo” (1992: 93).

Este texto é também ele heterogéneo no rasto do pensamento, na busca de novas conjunções possíveis com as ciências, as artes, a dança. Para concluir, relembro de novo o seu início:

“um balanço é neste caso assumir responsabilidade, face à leitura que se propõe e ao percurso no qual nos inscrevemos”.

É também saber que

“[...] algumas histórias tornaram-nos herdeiros de um lugar, outras de uma casa, outras de uma razão...” (José T. Mendonça, *Phala*, nº 87, 2001: 5).

Talvez que a nossa pretensão para que se possa ser herdeira tente aliar o lugar, a casa e a razão.

BIBLIOGRAFIA

- Actas do Colóquio *A Mulher na Sociedade Portuguesa: Visão histórica e perspectivas actuais (20-22 Março 1985)*, (1986), 2 vol., Coimbra
- Actas do Seminário *A Mulher e o Ensino Superior, a Investigação Científica e as Novas Tecnologias em Portugal* (1987), Cadernos C. C. Feminina, nº 21
- Almeida, Miguel Vale de (1995), *Senhores de Si, Uma interpretação antropológica da Masculinidade*, Fim de Século
- Almeida, Miguel Vale de (org.) (1996), *Corpo presente, Treze reflexões antropológicas sobre o corpo*, Celta
- Alves, M. Valente, e Barbosa, A. (org.) (2000), *O Corpo na Era digital*, Dep. Educação Médica da Fac. Medicina de Lisboa
- Amâncio, Lígia (1994), "Género: representações e identidades", in *Sociologia - Problemas e práticas, nº 14*, pp. 127-140
- Amâncio, Lígia (1994), *Masculino e Feminino. A Construção social da Diferença*, Afrontamento
- Amâncio, Lígia e Ávila, Patrícia (1995), "Género e Ciência", in Jesuino, J. C. (org.), *A Comunidade Científica Portuguesa nos finais do séc. XX*, Celta, pp. 135-162
- Amâncio, Lígia (coord.) (2001), *Sexo e Género, Psicologia*, vol. XV, nº 1
- Amorós, Celia (1985), *Hacia una crítica da la razón patriarcal*, Anthropos
- Amorós, Celia (1997), *Tiempo de feminismo. Sobre feminismo, proyecto ilustrado y postmodernidad*, Cátedra
- André, Isabel M. (1993), *O Falso Neutro em Geografia Humana. Género e Relação Patriarcal no Emprego e no Trabalho Doméstico*, dissert. doutoramento, Fac. Letras de Lisboa
- Araújo, Helena Costa (2000), *Pioneiras na educação: as professoras primárias na viragem do século, contextos, percursos e experiências, 1870-1933*, IEE
- Ardaillon, Danielle (1997), *Cidadania de corpo inteiro, Discursos sobre o aborto em número e género*, Tese de doutorado, U. S. Paulo
- Auffret, Séverine (1987), *Mélanippe la Philosophe. Trilogie*, Ed. des Femmes
- Barreira, Cecília (1993), *História das nossas Avós*, Círculo de Leitores
- Beauvoir, Simone (1976) [1949], *Le deuxième sexe*, Gallimard, 2. vol.
- Beleza, M^a Teresa (1990), *Mulheres, Direito, Crime ou A Perplexidade de Cassandra*, AACDLL
- Belo, Fernando (1983), "Quando Masculino / Feminino não coincide com Homem / Mulher", *Jornal de Letras*, nº 77, 27 de Dezembro
- Belo, Fernando (1984), "As guerras (e os amores) dos homens e das mulheres", in J. Mozzicafredo (org.), *Os Caminhos da Liberdade: da idade da razão à idade da revolta, discussões sobre a política e a cultura no pós 25 de Abril*, Espaço-tempo, pp. 163-172
- Belo, Fernando (1987), "Luce Irigaray: este sexo que não é um/uno", in *Linguagem e Filosofia, algumas questões para hoje*, Imprensa Nacional Casa da Moeda
- Belo, Fernando (1989), "Feminino / Masculino, Dispositivos em metamorfose", in *As Mulheres, a Identidade Cultural e a Defesa Nacional, Actas do Seminário de 5-7 Abril 1989*, Cadernos Condição Feminina, nº 29, pp. 33-36

- Belo, Fernando (1995), "Sexo e Género: que relação?", in *Universidade de Verão, Actas, Em busca duma Pedagogia da Igualdade*, C.I.D.M. e SUENS da Univ. de Palencia, CIDM, pp.249-265
- Belo, Fernando (2001), "Mulher e Homem, Casa e Alma, Luce Irigaray e Platão", in Ferreira, L. R. (org.), *Também há mulheres filósofas*, Caminho, pp. 187-204
- Bourdieu, Pierre (1998), *La domination masculine*, Seuil
- Braidotti, Rosi (1990), "Théories des études féministes: quelques expériences contemporaines en Europe", in *Les Cahiers du Grif, n° 45*, pp. 29-50, Paris, Ed. Tierce
- Brasão, Inês (1998), *Dons e Disciplinas do Corpo feminino nos discursos sobre o corpo na história do Estado Novo*, ed. ONGCCCICM
- Butler, Judith (1990), *Gender Trouble. Feminism and the subversion of Identity*, Routledge
- Buttafuoco, Annarita (1990), "Historia y memoria de sí. Feminismo e investigación histórica en Italia", in Colaizzi (org.), pp. 45-85
- Cabral, João Pina (1984), "As mulheres, a maternidade e a posse da terra no Alto Minho" in *Análise Social, nº 80*, 1984-1º, pp. 97-112
- Cabral, João Pina (1989), *Filhos de Adão, filhas de Eva - a visão do mundo camponesa no Alto Minho*, D. Quixote
- Cahiers du Grif, n° 46* (1992) *Provenances de la Pensée, Femmes/ Philosophie, Printemps 92*, Tierce
- Campos, Luis E. M. (1989), *A Mulher em textos e contextos. Um recenseamento bibliográfico, tematicamente indexado, sobre publicações periódicas portuguesas (1974-1988)*, Cadernos Condição Feminina, nº 26
- Camps, Victoria (1993), *Virtudes públicas*, Espasa Calpe
- Camps, Victoria (1998), *El siglo de las mujeres*, Cátedra
- Casado, Elena (1999a), "Cyborgs, nómadas, mestizas... Astucias metafóricas de la praxis feminista" in Gatti, G. y Martinez, I., *Las astucias da identidad. Figuras, territorios y estrategias de lo social contemporáneo*, ed. Univ. Pais Vasco, pp. 41-59
- Casado, Elena (1999b), "A vueltas com el sujeto del feminismo", *Politica y Sociedad, nº 30*, pp. 73-91
- CIDM (1993), *Estudos sobre as Mulheres em Portugal*, Cadernos da Condição Feminina, nº 38
- Claude-Mathieu, Nicole (org.) (1985), *L'arraisonnement des femmes. Essais en anthropologie des sexes*, *Cahiers de l'Homme*, série XXIV, E.H.E.S.S., Paris
- Certeau, Michel de (1980), *L'invention du quotidien. I - Arts de Faire*, U.G.E., 10/18
- Clement, Grace (1966), *Care, Authonomy and Justice. Feminism and the Ethics of Care*, Westview Press
- Colaizzi (org.) (1990), *Feminismo y Teoría del Discurso*, Cátedra
- Collin, Françoise (1986), "Du privé et du public", in *Hannah Arendt, Les Cahiers du Grif, nº 33*, pp. 47-67

- Collin, Françoise (1992), "Praxis de la différence", in *Provenances de la Pensée, Cahiers du Grif, Printemps 92*, pp. 125-141
- Collin, Françoise (1992), "Un héritage sans testament", in *Les enfants des femmes, Cahiers du Grif, Complexe*, pp. 145-150
- Collin, Françoise (1995), "Historia y memoria o la marca y la huella", in Fina Birulés (org.), *El género de la memoria*, Pamiela, pp.155-171
- Collin, Françoise (1995), "Diferença e diferendo. A questão das Mulheres na Filosofia", *História das Mulheres, vol 5, Afrontamento*, pp. 315-349
- Collin, Françoise (1996), "Do Moderno ao Posmoderno", in *Filosofia e xénero*, Aula Castelao de Filosofía, ed. Gerais de Galícia, pp. 28-43
- Collin, Françoise (1997), "L'oblio di una vecchia questione filosofica", in F. Collin et Marisa Forcina, *La differenza dei sessi nelle filosofia, nodi teorici e problemi politici*, Millela, pp. 19-46
- Collin, Françoise (2000), *Le Différend des sexes. De Platon à la parité*, ed. Pleins Feux
- Collin, Françoise, Pisier, Evelyne et Varikas, Eleni (2000), *Les Femmes de Platon à Derrida, Anthologie critique*, Plon
- Courtine-Denamy, Sylvie (1997), *Trois femmes dans de sombres temps, Édith Stein, Hannah Arendt, Simone Weil*, Albin Michel
- Cova, Anne (1998), "L'enseignement de l'histoire des femmes dans la Péninsule Ibérique", in Anne-Marie Sohn et Françoise Thélamon (org.), *L'Histoire sans les Femmes est-elle possible?*, Perrin, pp. 313-323
- Comunicações ao Colóquio (1986), *Mulheres em Portugal*, organizado pelo Instituto de Ciências Sociais (Fev. 1985), *Análise Social*, vol. XXII, nº 92-93
- Conde, Idalina (1998), "Artistas e Cientistas: retrato comum", in Costa, A.F. e Viegas, J.M.L. (org.), *Portugal: que modernidade?*, Celta, pp. 165-207
- Conde, Idalina (1996), "Sarah Affonso, mulher (de) artista", *Análise Social*
- Corrêa, Mariza (2000), "Do feminismo aos estudos de género no Brasil: um exemplo pessoal", conferência proferida em 9 Dezembro na Universidade Aberta (polic.)
- Costa, A., Barroso, C., Sarti, C. (1985), "Do limbo ao guetto?", *Cadernos Pesquisa sobre a Mulher no Brasil*, 54
- Crampe-Casnabet, Michèle (1991), "Saisie dans les Œuvres philosophiques (XVIII^e siècle)", in *Histoire des Femmes en Occident, vol. 3 (XVI-XVIII^e siècles)*, Plon, pp.327-357
- Crespo, Ana Isabel (1999), *Não aconteceu nada em Hiroshima, Uma abordagem de género na Psicoterapia: uma micro-política...*, dissert. de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, Univ. Aberta
- Cruz, Isabel, e Gomes, Paula B. (org.) (2001), *Mulheres e Desporto, Ex-Æquo*, nº 4, Celta
- Cruz, M^a Teresa (2000), "Cyborg", in Alves e Barbosa, pp. 130-143
- Derrida, Jacques (1992). "Choréographies", *Points de suspension, Entretien*, Galilée, pp. 95-115
- Cunha, Paulo Silva e (1999), *O lugar do Corpo. Elementos para uma Cartografia fractal*, Instit. Piaget
- Duden, Barbara (1993), *Disembodying Women: Perspectives on Pregnancy and the Unborn*, Havard Univ. Press

Elias, Norbert (1989), *O Processo Civilizacional*, [1939], D. Quixote

Farge, Arlette (1984), "Pratique et effets de l'histoire des femmes", in *Une histoire des femmes est-elle possible?*, Rivages, pp. 18-35

Fabião, Manuela (2000), *As mulheres cabo-verdianas e o batuque*, dissert. mestrado, Univ. Aberta

Fatela, João (1989), *O Sangue e a Rua. Elementos para uma antropologia da violência em Portugal (1926-1946)*, D. Quixote

Ferreira, Ana Monteiro (1998), *Desigualdades de género no actual sistema educativo português. Sua influência no mercado de emprego*, dissert. de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, Univ. Aberta

Ferreira, Luisa Ribeiro (org.) (1998), *O que os filósofos pensam sobre as mulheres*, ed. Centro de Filosofia Fac.Letras Lisboa

Ferreira, Luisa Ribeiro (2001), *Pensar no feminino*, Colibri

Ferreira, Luisa Ribeiro (2001), *Também há mulheres filósofas*, Caminho

Ferreira, Luisa Ribeiro e Henriques, Fernanda (1999), *Representações sobre o Feminino, Ex-Æquo*, nº1

Ferreira, Luisa Ribeiro e Cardoso, Adelino (2001), *Correspondência entre Descartes e Elisabeth*, Celta

Ferreira, Virgínia (1999), "A Reprodução e as novas tecnologias. Da volatilização da maternidade à materialização da paternidade", *Ex-Æquo*, nº 1, pp. 33-43

Ferreira, Virgínia (1999), "Os paradoxos da situação das mulheres em Portugal", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 52/53, Nov 98 / Fev 99, *Vinte Anos da Teoria Social*, pp.199-227

Fidalgo, Lurdes A. (2000), *(Re)Construir a Maternidade numa Perspectiva Discursiva*, dissert. de doutoramento, Instituto de C. Biomédicas A. Salazar

Flax, Jane (1987), "Postmodernism and Gender. Relations in Feminist Theory", *Signs Journal of Women in Culture and Society*, vol. 12, pp. 621-643

Flax, Jane (1995), *Psicoanálisis y feminismo. Pensamientos fragmentarios*, Catedra

Foucault, Michel (1995), "Nietzsche, a genealogia e a história", in *Microfísica do poder*, ed. Graal, Rio de Janeiro, pp. 15-37

Fouque, Antoinette (1995), *Il y a deux sexes. Essais de Féminologie, 1989-1995*, Gallimard

Fraisse, Geneviève (1989), *Muse de la Raison - La démocratie exclusive et la différence des sexes*, Alinéa

Fraisse, Geneviève (1991), "De la destination au destin. Histoire philosophique de la différence des sexes", in *Histoire des Femmes en Occident*, vol. 4, Plon, pp. 57-85

Franklin, Sarah (1997), *Embodied Progress. A Cultural Account of Assisted Conception*, Routledge

Garcia, José Luis (1995), *As Mulheres telefonam às cegonhas*, dissert. de Mestrado, ISCTE

Gil, José (1980), *Metamorfoses do Corpo*, A Regra do Jogo

Gil, José (1995), "Corpo", *Encicl. Einaudi*, nº 32, *Soma/Psiche – Corpo*, Imprensa Nacional, pp. 201-266

Gil, José (1998), "Serei homem?", *Elipse. Gazeta improvável*, 2, outono 98, pp. 11-16

- Gil, José (1999), “Euforia de terror”, *Elipse. Gazeta improvável*, 3, primavera 99, pp. 33-41
- Gilligan, C. (1982), *In a Different Voice. Psychological Theory and Women's Development*, Harvard Univ. Press (trad. port. com amputação do título original, *Teoria Psicológica e Desenvolvimento da Mulher*, F. C. Gulbenkian, 1997)
- Grunnel, Marianne and Kas, Erna (1995), “State of the Art. Modernization and Emancipation from Above: Women's Studies in Portugal” *European Journal of Women's Studies*, vol. 2, pp. 535-545
- Guerreiro, António (1984), “O Feminino - esse oceano azul”, *Jornal de Letras*, 1 Maio 1984, pp. 28-29
- Guerreiro, António (1998), “O homossexual como pária”, *Elipse. Gazeta improvável*, 2, outono 98, pp. 18-21
- Guillaumin, Colette (1992), *Sexe, Race et Pratique du pouvoir. L'idée de Nature, Côté-Femmes*
- Guinote, Paulo (1997), *Quotidianos femininos (1900-1933)*, 2 vol., ed. ONGCCCCICM
- Guinote, Paulo (2001), *Quotidiano feminino, 1900-1940*, Arquivo C.M.Lisboa
- Haraway, Donna (1991), *Simians, Cyborgs and Women. The Reinvention of Nature*, Routledge
- Haraway, Donna (1993), “O humano numa paisagem pós-humanista”, *Estudos Feminista*, nº 2, pp. 277-292
- Harding, Sandra (1986), *The Science Question in Feminism*, Cornell Univ. Press
- Harding, Sandra (1986), “The instability of the analytical categories of Feminist Theory”, *Signs*, vol 11, nº 4, pp. 645-464
- Harding, Sandra (1991), *Whose Science? Whose Knowledge?. Thinking from Women's Lives*, Open Univ. Press
- Heilborn, M^a. Luiza e Sorj, Bila (1999), “Estudos de Género no Brasil”, *O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995)*, *Sociologia*, Vol. VI, ed. Sumaré. ANPOCS, pp. 183-221
- Hekman, Susan (org.) (1996), *Feminist interpretation of Foucault*, The Pennsylvania State Univ. Press
- Hirata, Helena (org.) (2000), *Dictionnaire critique du Féminisme*, P.U.F.
- Holland, Nancy (1997), *Feminist interpretation of Derrida*, The Pennsylvania State Univ. Press
- Hubbard, R., Henifin, M. S. & Fried, B., (org.) (1982), *Biological Woman: the Convenient Myth*, Schenken
- Hurtig, Marie-Claude, Kail, Michèle, Rouch, Hélène (org.) (1991), *Sexe et genre. De la hiérarchie entre les sexes*, ed. CNRS
- Irigaray, Luce (1974), *Speculum - de l'autre femme*, Paris, Ed. de Minuit
- Irigaray, Luce (1977), *Ce sexe que n'en est pas un*, Paris, Ed. de Minuit
- Irigaray, Luce (1980), *Amante Marine. De Friedrich Nietzsche*, Paris, Minuit
- Irigaray, Luce (1984), *L'éthique de la difference sexuelle*, Paris, Ed. de Minuit
- Iturra, Raul (1990), *A Construção social do Insucesso escolar, Memória e Aprendizagem em Vila Ruiva*, Escher
- Iturra, Raul (1997), *O Imaginário das Crianças, Fim de Século*

- Jaggar, Alison M. e Bordo, Susan R. (org.) (1997), *Género, Corpo, Conhecimento*, Rosa dos Tempos, Rio Janeiro
- Janeira, Ana Luisa (1967), *O vazio no pensamento de Simone Weil. Ensaio de uma leitura interpretativa*, Porto, ed. Autor
- Janeira, Ana Luisa (1971), "O problema do uno e do múltiplo no pensamento de Simone Weil", *Rev. Port. de Filosofia*, Braga, nº 27, pp. 28ss.
- Janeira, Ana Luisa (1980), "Conhecer Simone Weil", *Rev. Port. de Filosofia*, Braga, nº 36, pp.353-365
- Joaquim, Teresa (1986), "Luce Irigaray: Mulher, Corpo, Pensamento", in *Filosofia*, Soc. Port. de Filosofia, nº 2, Dez., pp. 185-189
- Joaquim, Teresa (1987), *Algumas notas sobre investigação / estudos sobre as mulheres*, C. C. F. (polic.)
- Joaquim, Teresa (1988), *Relatório sobre investigação e o ensino feminista e/ou sobre as mulheres em Portugal, Projecto Europeu GRACE* (polic.), C. C. F.
- Joaquim, Teresa (1989), "Note introductive sur la Constitution et les buts de la Commission de la Condition Féminine au Portugal", in Rabissi, A. e Perucci, M. B. (org.), *Perleparole - Le iniziative a favore dell'informazione e della documentazione delle donne europee*, Cooperativa Utopia, pp. 131-139
- Joaquim, Teresa (1991), *Notas sobre os estudos sobre as mulheres em Portugal*, C. C. F. (polic.)
- Joaquim, Teresa (1992), "Études sur les Femmes au Portugal", *Women's Studies - Feminization the Academy*, GRACE, Março
- Joaquim, Teresa (1997), *Menina e Moça, A Construção Social da Feminilidade*, sec. XVII-XIX, Fim de Século
- Joaquim, Teresa (1998), "Recensão" de Tubert, Silvia (1996), *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 50, Fev., pp. 184-187
- Joaquim, Teresa (1999a), "Criação de humanos e/ou de conceitos. A questão da maternidade n' *O segundo sexo*", in Mariza Corrêa (org.), *Cadernos Pagu. Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX*, ed. Pagu, Unicamp, pp. 165-202
- Joaquim, Teresa (1999b), "Panorama Geral da Situação das Mulheres em Portugal nos últimos 25 anos", in *A Saúde da Mulher*, Dir. Geral de Saúde, Min. da Saúde, pp. 165-202
- Joaquim, Teresa (2000), "Saúde das Mulheres: cuidar dos outros, cuidar de si", in *Ex-æquo*, nº 2-3, Fev., pp. 191-204
- Joaquim, Teresa (2001), "A (im)possibilidade de ser filósofa", in Ferreira, L. R. (org.), *Também há mulheres filósofas*, Caminho, pp. 17-40
- Joaquim, Teresa, "O(s) Corpo(s) feminino(s) na Cultura Ocidental. Uma Antropologia do Corpo e uma Teoria do Conhecimento", comunicação ao *Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia*, em Novembro de 1999 [em curso de publicação]
- Joaquim, Teresa, "Participação cívica e política: a Questão dos Direitos Reprodutivos" ao Colóquio Internacional *Em busca da História das Mulheres Portuguesas*, organizada pela APIHM, 16-18 de Maio 2001 [em curso de publicação]
- Joaquim, Teresa e Belo, Fernando (1984), "Feminino sem mulher?" (polémica com António Guerreiro, 1984), *Jornal de Letras*, 3 de Julho de 1984

- Kofman, Sarah (1992), "La question des femmes", in *Provenances de la Pensée, Cahiers du Grif, Printemps 92*, pp. 65-74
- Le Dœuff, Michèle (1989), *L'étude et le rouet. 1. Des femmes, de la philosophie, etc.*, Seuil
- Le Dœuff, Michèle (2000), « Pas toutes les mêmes », in *De la différence des sexes entre les femmes*, Forum Diderot, P.U.F., pp. 81-91
- Lock, Margaret (1993a), *Encounters with Aging: Mythologies of Menopause in Japan and North America*, Univ. of California Press
- Lock, Margaret (1993b), "Cultivating the body: Anthropology and Epistemology of bodily practice and knowledge", *Annual Review of Anthropology*, n° 22, pp. 133-155
- Lopes, Eliane Marta Teixeira (1990), "Histoire des Femmes: uma revisão bibliográfica", *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16(2): jul-dez., pp. 23-32
- Lourenço, Nelson, Lisboa, Manuel e Pais, Elza (1997), *Violência contra as Mulheres*, CIDM
- Magalhães, Maria José (1998), *Movimento Feminista e Educação, Portugal, Décadas de 70 e 80*, Celta
- Marques, Leonilde (1999), *Doutoramentos e Mestrados nas Universidades Portuguesas de 1975 a 1998. Estudos sobre as Mulheres / Estudos no Feminino*, CIDM (polic.)
- Martino, Giulio y Bruzzese, Marina (1996), *Las filósofas. Las mujeres protagonistas en la historia del pensamiento, com apêndice de Puleo, Alicia, "Pensadoras españolas"*, Cátedra
- Mauss, Marcel (1985) [1950], *Sociologie et Anthropologie*, P.U.F.
- Molder, Filomena (1995-1996), "Os sonhos da eterna insomne", *Helena Almeida, Dramatis persona. Variações e fugas sobre um corpo*, Catálogo Serralves
- Monteiro, Fátima (1999), *As Mulheres Agredidas pelos Maridos: de vítimas a sobreviventes*, ONGCCDIM
- Montreynaud, Florence (1999), *Le XX^e siècle des Femmes*, Nathan
- Muraro, Luisa (1991), *L'ordine simbolico della madre*, ed. Riuniti
- Nogueira, Conceição (1996), *Um novo olhar sobre as relações sociais de Género. Perspectiva feminista crítica na Psicologia Social*, dissert. de doutoramento, Univ. Minho
- Nunes, Etelvina Lopes (1984), "A condição feminina em Emmanuel Lévinas", *Brotéria*, n° 119, pp. 39-51
- O'Neill, Brian Juan (1984), *Proprietários, Lavradores e Jornaleiras. Desigualdade Social numa Aldeia Transmontana, 1870-1978*, col. Portugal de Perto, D. Quixote
- Oudshoorn, Nelly (1994), *Beyond the natural body - an archeology of sex hormones*, London, Routledge
- Oudshoorn, Nelly (1998), "Hormones, techniques et corps - L'archéologie des hormones sexuelles (1923-1940)", *Annales*, EHESS, n° 4-5, pp. 775-793
- Pais, Elza (1998), *Homicídio Conjugal em Portugal. Rupturas violentas de conjugalidade*, Hugin
- Perrot, Michelle (1984), *Une histoire des femmes est-elle possible?*, Rivages
- Pinto, José M. da Silva (1991), *Violência e Prostituição*, dissert. mestrado em Sociologia

- Porto, Nuno (1991), *O Corpo, a Razão, o Coração. A Construção Social da Sexualidade em Vila Ruiva*, Escher
- Prado Coelho, Eduardo (1998), “A nudez dos teus conceitos”, *Público-Leituras*, 7/2/98)
- Ramalho, Irene (1995, *Rapport national: Formation et Éducation en Europe. Études Féministes et/ou sur les Femmes au Portugal*, Relatório Sigma (polic.)
- Ramalho, Irene e Ribeiro, Sousa (1998-99), “Dos Estudos literários aos estudos culturais”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 52/53, Nov 98 / Fev 99, *Vinte Anos da Teoria Social*, pp. 61-83
- Raposo, Paulo (1991), *Corpos, Arados e Romarias. Entre a Fé e a Razão em Vila Ruiva*, Escher
- Ribeiro, António Pinto (1998), *Corpo a corpo – Possibilidades e limites da crítica*, Cosmos
- Rich, Adrienne (1980), *Naître d'une femme. La maternité en tant qu'expérience et institution*, Denoël/Gonthier
- Ruddick, Sarah (1989), *Maternal Thinking: Towards a Politics of Peace*, Beacon Press
- Santos, Boaventura Sousa (1991), “Ciência”, in Carrilho, M.M., *Dicionário do Pensamento Contemporâneo*, D. Quixote, pp. 23-44
- Scott, J. W. (1988), “Gender: a useful category of historical analysis”, in *Gender and the Politics of History*, Columbia Univ. Press
- Silva, Luisa Ferreira da (1995), *Entre marido e mulher alguém meta a colher*, À Bolina, Celorico de Basto
- Silva, Regina T. da (1999), *A Mulher. Bibliografia portuguesa anotada (1518-1998)*, Cosmos
- Sissa, Giulia (1991), "Philosophies du genre. Platon, Aristote et la différence des sexes", in P. Schmitt Pantel (org), *Histoire des Femmes en Occident, vol.1 (L'Antiquité)*, Plon, pp. 65-99
- Sissa, Giulia (1992), "Membres à fantasmes – À propos d'un ouvrage de Thomas Laqueur », *Terrain*, nº 18, *Le corps en morceaux*, Min. de la Culture et de la Communication, Mars, pp. 80-86
- Sissa, Giulia (2000), *L'âme est un corps de femme*, Odile Jacob
- Soares, M^a da Conceição M. (1996), *A alteridade e o feminino em Emmanuel Lévinas*, dissert. de mestrado, Fac. Letras de Lisboa
- Stanley, L. (org.) (1997), *Knowing Feminisms, On Academic Borders, Territories and Tribes*, Sage Publication
- Strathern, Marilyn (1992), *Reproducing the future: anthropology, kinship and the new reproductive technologie*, Routledge
- Strathern, Marilyn (1995), “Necessidade de pais, necessidade de mães”, *Estudos feministas*, vol. 3, nº 2, pp. 303-329
- Tavares, Manuela (2000), *Movimentos de Mulheres em Portugal, Décadas de 70 e 80*, Livros Horizonte
- Toldy, T. M. (1998), *Deus e a Palavra de Deus na Teologia Feminista*, ed. Paulistas
- Tong, Rosemarie (1994), *Feminist Approaches to Bioethics. Theoretical Reflections and Practical Applications*, Westview Press

Tubert, Silvia (1996), *Mulheres sem sombra. Maternidade e Novas tecnologias da reprodução*, Rosa dos Tempos, R. J.

Valcárcel, Amelia (1994), *Sexo y filosofía. Sobre 'mujer' y 'poder'*, Anthropos

Vaquinhas, Irene (2000), *'Senhoras e Mulheres' na Sociedade portuguesa do século XIX*, Colibri

Waithe, M. E. (org.) (1987), *A History of Women Philosophers*, Kewer Academic, 4 vol.

Woolf, Naomi (1994), *O Mito da Beleza*, Círculo de Leitores

Agradecimentos:

À Dr^a Helena Sousa Dias, que me disponibilizou o seu levantamento de trabalhos filosóficos publicados por mulheres; a M^a José Geraldês e Eulália Migueis, do Centro de Documentação da CIDM.